

“Os tempos parecem ser favoráveis a uma cooperação institucional que tem demorado”

Carlos Fortuna, académico e investigador da Universidade de Coimbra na área vasta das culturas urbanas, turismo e patrimónios faz uma leitura pertinente das oportunidades e dos desafios postos a Coimbra, agora que a cidade – Universidade, Alta e Sofia – está inscrita como Património da Humanidade pela UNESCO

Coimbra, o seu património, os seus diversos patrimónios. Turismo cultural, um novo paradigma em expansão. E Coimbra, agora património mundial, neste ambiente?

A primeira nota que eu gostaria de deixar é acerca do enorme potencial cultural, histórico, monumental, turístico que Coimbra tem e ao qual esta consagração por parte da UNESCO vem dar um contributo incrível. Na verdade, vem reforçar uma condição que já existia, que as pessoas reconhecem. Esse potencial sócio cultural, histórico, turístico, que a cidade tem, mas a que faltava uma espécie de consagração internacional. Uma consagração institucional muito importante e que constitui um enorme desafio para a cidade.

Como já se disse, este reconhecimento da UNESCO é o início de um caminho?

É, sem dúvida. Porque não basta querer. É preciso concretizar em ação, na prática, o potencial que existe e que é preciso valorizar. Este é um desafio, mas é um desafio que já começou a ser vencido, sobretudo com a preparação da candidatura. A primeira coisa a fazer, é reconhecer o trabalho o investimento, a seriedade que foi posta por inúmeras pessoas e algumas instituições, com a Universidade e a Câmara de Coimbra à frente, na preparação do dossiê de candidatura. Demorou uns anos, porque teve início há cerca de 30 anos, sofreu depois algumas peripécias, com recuos e avanços e, finalmente, em 2004, entrou nesta rampa final, com um trabalho mais sério de levantamento, caracterização e identificação. Portanto, o desafio já começou. Daqui para a frente, o desafio é de outra natureza.



DB-Carlos Jorge Monteiro

O sociólogo é coautor de, entre outras obras, “A cidade e o turismo: Dinâmicas e desafios do turismo urbano em Coimbra”

É sobretudo necessário prosseguir este trabalho conjunto, que aconteceu pela primeira vez, entre os académicos e as autoridades ligadas ao governo da cidade?

Absolutamente. Os tempos parecem ser favoráveis a esta cooperação institucional que Coimbra tem demorado a concretizar. Mas os sinais são hoje de cooperação interinstitucional entre vários departamentos da câmara, da universidade, do Estado. Parece haver, neste momento, território favorável a essa interação e isso é importantíssimo. Porque, parte da forma como Coimbra foi perdendo importância no todo nacional, tem a ver com a dificuldade interinstitucional da cidade.

Trata-se de um problema interno. É de dentro da cidade que parte esse constrangimento?

Parte importante, sim. Departamentos, institutos, autarquia. No fundo, uma série

de serviços que têm as suas chefias e que não funcionam em conjunto. E quando não funcionam, quem perde é a cidade no seu todo. Esta questão do património é, de alguma maneira, uma espécie de fim dessa guerrilha institucional. Guerrilha, talvez seja uma palavra forte. Mas de falta de coesão entre as instituições da cidade e da região, que provocaram, de alguma maneira, um certo desgaste da imagem e uma incapacidade de a cidade se mobilizar em torno de motivos e projetos fortes.

Este [Património da Humanidade] é um motivo forte?

Este é um motivo bastante forte. Mas, tenho visto algumas opiniões, segundo as quais agora como que se estendeu um manto de pacificação na cidade. E eu duvido muito disso. Vão continuar a existir visões diferentes, atores diversos, conflitualidades menores. A causa do

destaque

► [Inscrição como Património da Humanidade] é uma consagração institucional muito importante e que constitui um enorme desafio para a cidade

► Parte da forma como Coimbra foi perdendo importância no todo nacional, tem a ver com a dificuldade interinstitucional da cidade

► Eu tenho para mim que há um grande destino para a cidade: reerguer uma espécie de alma de Coimbra

património não vai eliminar rivalidades intersticiais. Vamos continuar a ter uma cidade Alta e Baixa, uma cidade erudita e outra popular, uma cidade política e outra civil, ambas desconfiadas uma da outra.

Que será saudável manter-se, num determinado grau?

Com certeza que sim. A cultura é, no fundo, o resultado de uma conflitualidade, no sentido do confronto de opiniões, confronto de ideias, confronto de discursos, confronto de soluções. E não vale a pena pensarmos que isso vai desaparecer por causa do reconhecimento da UNESCO de Coimbra, Alta e Sofia como Património da Humanidade. Vamos continuar a ter esta energia que brota da conflitualidade, da diversidade de situações, de leituras, de narrativas. E é importante que assim seja. Mas estamos a viver um grande momento, porque é um momento de

apelo ao encontro de opiniões, ao trabalho coletivo, a por em cima da mesa as diversas visões.

Visões diversas, mas que não de convergir?

Eventualmente. É isso que se deseja. E convergir onde? Eu tenho para mim que há um grande destino para a cidade. E vou dizê-lo de uma forma figurada: reerguer uma espécie de alma de Coimbra. As cidades não podem perder a alma, quando isso acontece, perdem a sua energia, a sua cultura, o seu brio, o seu murmúrio. Coimbra passou um período relativamente longo, após o 25 de Abril de 1974, de uma grande falta de brio. E há aqui, agora, uma espécie de possibilidade de reerguer este sentido de orgulho local, da alma da cidade, em torno deste grande desafio.

Desafio que tem no turismo um ponto importante?

Coimbra tem um potencial turístico que serve para nós medirmos este engrandecer da imagem da cidade. Mas o turismo não é a solução última, nem o resultado último deste processo. Tem sido, talvez apressadamente, visto nesta sequência – património, UNESCO, turismo. Com certeza que sim. O turismo vai aumentar em Coimbra, vai haver muito mais procura. Mas, mesmo aqui há que fazer a aferição certa desta realidade. Essa é uma questão fundamental. Mas o turismo a que me estou a referir é um turismo organizado, estruturado. Tem de haver uma informação organizada, estruturada, destinada a pontos do mercado turístico específicos. Então é que será possível começar a perceber como é que a ideia de património representa um capital de atração que beneficia a procura turística da cidade.

|| Lídia Pereira

Especialista defende Observatório do Turismo

“Temos de saber quem são os turistas que chegam a Coimbra e, em função disso, ir dotando a cidade de capacidade de resposta a essas exigências”, diz Carlos Fortuna, defendendo, por isso mesmo, a criação de um Observatório do Turismo Urbano, com capacidade de “produção permanente de informação atualizada”

●●● Quem são, qual a sua sazonalidade, o que procuram, onde ficam e quanto tempo ficam os turistas em Coimbra? Para responder, com objetividade e estratégia a estas questões, Carlos Fortuna defende a criação de um Observatório do Turismo Urbano, com o objetivo de “criar as condições de produção permanente de informação atualizada”.

Isto porque, para o investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, “só um radar de informação muito fino é que permite estudar toda esta questão da forma que ela deve ser estudada”. E, para isso, assegura o especialista, “existem recursos, na universidade, na câmara municipal, nas próprias instituições ligadas ao turismo na cidade e na região”. A intenção é que esse observatório “produza, de três em três meses, um relatório de tendência, que permitirá tomar decisões com conhecimento de causa”.

Sem querer limitar ao turis-



Carlos Fortuna sugere “uma marca física” de que aqui, em Coimbra, nasceu a língua portuguesa

mo os benefícios que a cidade vai obter com a inscrição como Património da Humanidade – “que são, sobretudo, culturais” –, Carlos Fortuna aconselha os responsáveis pelo projeto a “pensarem na ideia de cidade no seu todo”. Sobretudo porque, afirma, “Coimbra não pode, não deve querer ser uma cidade infes-

tada por turistas, num mercado fugaz, com uma passagem repentina e apressada”.

Posto isto, é necessário, diz Carlos Fortuna, “defender uma posição que implica um conhecimento do perfil dos visitantes: saber quem são e, em função disso, ir dotando a cidade de capacidade de resposta a essas exigências”.

forme numa cidade turística “que sabe a quem se dirige, quem a procura e o que lhe deve oferecer”, diz o especialista, é necessário um trabalho prévio de formação: dos taxistas que são agentes importantíssimos do turismo, dos comerciantes da Alta e da Baixa, dos reformados sentados nos bancos dos jardins, dos polícias que não sabem falar línguas. “Mas, também há que dizê-lo, uma cidade que é Património da Humanidade não pode ter uma Coimbra B”, remata o sociólogo.

Também na cena cultural de Coimbra, “existe um potencial que tem de ser trazido para este propósito, assim como alguns recursos”, afirma o sociólogo, referindo, por exemplo, o Convento de S. Francisco, em fase última de construção. E que “ninguém sabe ainda muito bem o que é”. Uma vez mais, defende, “a cidade tem de passar a outro patamar de transparência, de diálogo e de abertura”.

“Aqui nasceu e daqui saiu a língua portuguesa”

O que é que Coimbra fez na história da humanidade? Para esta pergunta há uma resposta simples: foi aqui que nasceu a língua portuguesa. “Foi aqui que estabilizou, durante séculos, e foi daqui que a língua portuguesa partiu para o mundo. Este é um facto de uma enormíssima valia cultural e assim deve ser valorizado”, sublinha Carlos Fortuna.

E o especialista vai mais longe: “espero que se faça alguma coisa, que seja uma marca física, material, desta ideia de que aqui nasceu a língua portuguesa, que tem hoje 200 milhões de falantes em todo o mundo, do Brasil a Timor”. Ao contrário de outras cidades, “Coimbra tem a sua marca identitária”. Agora é tempo de a cidade assumir o seu futuro. | **Lídia Pereira**

É na escola que têm de fazer-se os “guardiães” da memória da cidade

●●● O especialista em culturas urbanas, turismo e patrimónios não tem dúvidas: “Um dos eixos do sucesso e do tempo que vai demorar a reforçar esta alma de Coimbra é a educação e a passagem desta mensagem do que é ser Património da Humanidade para as escolas”. Para Carlos Fortuna, “tratar de sermos bons guardiães do património que é da humanidade é um processo que deve começar nos bancos das escolas, para que possa ser duradouro e possa singrar ao longo dos tempos”.

Fundamental, portanto, é que haja “um esforço de aproximação deste discurso no âmbito educativo”, com muitos casos de sucesso pela Europa fora, “cimentados

na procura de aproximação dos jovens ao património”. E o exemplo é simples: uma escola que adota um monumento, que as crianças ou os jovens visitam, estudam, representam, apropriando-o.

Mesmo num ambiente hoje pouco favorável na escola em Portugal, “a aproximação de que se fala tem de ser possível”. Para Carlos Fortuna, “esta é uma competência da escola que tem sido assumida de uma maneira alheia, distante”. Mas que agora tem de fazer-se de uma forma “organizada, estruturada e sistemática”.

Para o especialista, “não deve ser possível, daqui a 10 anos, um miúdo sair da escola sem conhecer os lugares essenciais do património em

Coimbra”. Se assim não for, “a cidade não estará a cumprir a sua missão de guardar e guardar bem os bens patrimoniais que lhe estão entregues”. A Câmara Municipal de Coimbra, a Direção Regional de Cultura do Centro, o Ministério da Educação, as escolas com a sua autonomia, os professores, “todos têm de envolver-se num pacto de defesa patrimonial, que não é uma questão retórica, é uma agenda educativa e pedagógica de futuro”.

E esta, acredita Carlos Fortuna, “é uma estratégia que, certamente, dará bons frutos”. É preciso é encontrar as plataformas, os acordos e os entendimentos necessários a concretizar este propósito. “E concretizá-lo”. **L.P.**

Fazer “a festa” do património

●●● Coimbra tem de saber festejar, orgulhar-se do seu património. Mas, destaca Carlos Fortuna, “tem de fazê-lo de uma maneira competente”. E o especialista deixa um exemplo: chega um turista e vai visitar a Biblioteca Joanina. Está lá “um funcionário diligente, generoso, cheio de boa vontade, mas a faltar-lhe o rigor profissional”. E o facto é que a cidade tem recursos – com várias escolas a formarem a diversos níveis na área do turismo –, “o que tem de fazer-se é um trabalho concertado”.

Para Carlos Fortuna, é absolutamente necessário “informar”. A cidade, afirma, “ainda hoje não sabe o que é que esta inscrição de Coimbra como Património da Humanidade significa,

não sabe o que está aprovado, que áreas estão envolvidas, que edifícios e património é mais importante”.

Portanto, defende, “a primeira coisa a fazer é uma forte aliança com a comunicação social. A comunicação social tem de ser uma aliada deste projeto do futuro de Coimbra”. Tudo o que é edifício identificado como Património da Humanidade “tem de passar em crónica regular para a cidade. Esta história do futuro tem de ser contada, tem de passar para a cidade”.

Depois, destaca ainda Carlos Fortuna, as instituições responsáveis têm de “fazer o seu papel pedagógico”. E há muitas maneiras de o fazerem: “assinando os locais, protegendo-os”.

E, avança o especialista em tom muito crítico, “hoje, a rua da Sofia é uma coiza confrangedora, há uns cartazes de tipo pechisbeque, com um pauzinho que já descolou, que anunciam a Sofia Património da Humanidade. Não pode ser assim. Pode ser mais demorado, mas tem de ser bem feito”.

O facto é que “as responsabilidades vão todas, por aí fora, até ao cidadão, até cada um de nós”. E, defende, “têm de chegar ao comerciante, à associação de bairro, à rua, casa a casa. Porque é isso é que faz o reforço da alma de Coimbra, sem qualquer sentido passado, antes valorizando o que é local e tem valor patrimonial, cultural e histórico”. **L.P.**